

A educação sexual realizada na família e na escola: opinião de escolares adolescentes The sexual education in a family and in the school: the teenagers students opinion **2**

Maria Cristina Pinto de Jesus*
Viviane Pena Temer**
Marcio Almeida da Silva***

RESUMO

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório realizado em uma escola pública de Juiz de Fora cujo objetivo principal foi verificar a opinião de escolares adolescentes da 6ª série do 1º grau, sobre a educação sexual realizada pelos pais a pela escola. Por meio de um questionário semi-aberto buscou-se a caracterização dos adolescentes, suas experiências vividas; nível de diálogo com os pais; opiniões sobre a participação da escola na educação sexual. Os resultados mostraram que adolescentes, em sua maioria, na faixa etária de 12 anos relataram já terem interesse Pelo outro e que receberam as primeiras informações sobre sexo com amigos da mesma idade. O nível de diálogo com pais e

* Enfermeira, Mestre em Educação, Professora Adjunto I da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientadora no Programa de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq/UFJF.

** Aluna do Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UFJF, bolsista no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Juiz de Fora. No período de julho/95-julho/96.

*** Aluno do Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UFJF, bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-CNPq/UFJE no período de julho/95-julho/96.

professores é pequeno, embora, a maioria desses adolescentes considera que os pais deveriam conversar abertamente sobre o assunto com os filhos na adolescência e que a escola e o lugar apropriado para complementar a educação sexual realizada pela família. Constatou-se caber aos pais, a realização da educação sexual dos filhos, constituindo-se parte integrante da educação global, portanto, a Escola deveria auxiliá-la nessa tarefa.

Unitermos: Educação Sexual; Sexualidade; Adolescência.

SUMMARY

This is about a descriptive study explorative made in a public school in Juiz de Fora with the main object was to verify the opinion of teenagers students about sexual education done by parents and the school. By means of a semi-open questionnaire, we will look for the teenagers characterization their lived experiences; dialogue level with the parents; opinions about participation of the school in the sexual education. The results showed that teenagers, most of them in the age of twelve reported that had already showed interest for each other and received the first information about sex by friends in the same age. The dialogue level between parents and teachers is small, although, the most of teenagers consider that the parents could talk openly about this subject with the adolescent children, and that the school is the appropriate place to complementary the sexual education released by family. It was noticed to belong to parents, their children sexual education, so, the school should help them in the task.

Uniterms: Sexual Education, Sexuality, Adolescence.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos tempos, a educação sexual parece ter sido ligada às normas sexuais vigentes, ora favoráveis, ora desfavoráveis à sexualidade. Assim, a forma como é vista a sexualidade humana é influenciada pelo tipo de sociedade, segundo a constituição da família e de acordo com o momento histórico vivido.

Nos tempos atuais, com o surgimento da AIDS, a exemplo do que ocorreu em outras épocas, com outras epidemias, a educação sexual ganha destaque, já que a profilaxia da doença ainda é a única medida plausível para o seu controle.

VITIELLO (1995, p. 19) faz a distinção entre a orientação e a educação sexual, salientando que o educador é aquele que exerce uma influência contínua e duradoura junto ao educando. Assim, a educação leva “à formação e ao crescimento interior” das pessoas. Em sua opinião, quando “o médico, a enfermeira, o psicólogo ou o assistente social fazem palestras em escolas, não estão exercendo verdadeiramente a educação sexual, mas sim, funcionando como meros informadores”.

CAVALCANTI (1993, p. 169) considera a educação sexual como um conhecimento acerca da sexualidade que leva as pessoas a modificar atitudes. Ao distinguir os tipos de educação sexual o referido autor ressalta a importância da educação informal como aquela dada pela família, igreja e grupos sociais já que a mesma, segundo ele, poderá levar as pessoas a um comportamento imitativo.

O contexto familiar parece interferir na modelagem do comportamento sexual das pessoas. “As atitudes dos pais, as coisas ditas consciente ou inconscientemente, são elementos com os quais o bebê... vai construindo uma imagem de si, vai se narcisando ou se rejeitando em seu sexo e sua pessoa” (CARIDADE, 1994, p. 143).

Parece haver um consenso ao se considerar a iniciação da educação sexual como tarefa primeira da família. Em seu estudo VITIELLO (1995, p. 4) diz que a melhor educação sexual seria aquela proporcionada pelos próprios pais, já que, na maioria das vezes, são eles que atuam por muito tempo e de modo significativo junto aos filhos durante a fase de formação da personalidade.

Quanto à escola, essa, por sua vez, parece abordar de forma tímida e limitada a questão da educação sexual.

De acordo com RIBEIRO (1990) a educação sexual que existe nas escolas brasileiras se caracteriza pela omissão total ou por enfoques predominantemente biológicos, psicológicos, distribuídos em disciplinas isoladas, não integradas, excluindo-se os aspectos sociológicos, econômicos, políticos, históricos, religiosos e culturais.

Ao priorizar o aspecto biológico, abordando o sexo/reprodução em detrimento do sexo/prazer os professores muitas vezes, podem não estar atendendo a expectativa dos adolescentes frente as questões da sexualidade.

Embora, desde 1974 o Conselho Federal de Educação tenha aprovado o Parecer de nº 2264/74 que menciona a educação sexual como objetivo a ser desenvolvido no programa de 2º grau, em muitas escolas este objetivo ainda não se concretizou.

A partir da década de 80, o tema educação sexual ganhou maior ênfase na área de saúde com a implantação de Programas pelo Ministério da Saúde através da Divisão Nacional de Saúde Materno Infantil (DIN-SAMI), que desde 1986, englobou em suas ações a assistência primária à saúde do adolescente dentro do contexto do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher e da Criança.

MAAKAROUN (1991, p. 7) ressalta que:

“o desconhecimento do funcionamento do próprio corpo, a falta de suporte afetivo genuíno dentro da família, a busca de reconhecimento e aprovação constantes por parte de companheiros e a deficiência de programas com vistas a educação sexual dos jovens têm sido os responsáveis pelas estatísticas alarmantes de gravidez na adolescência, abortos

Considera-se que nem a família, nem a escola, sozinhas, podem acreditar-se suficientes na tarefa de educar para a vida sexual. Os desconhecimentos e dificuldades que a maioria dos adultos parecem ter em lidar com assuntos relativos a sexualidade, são desafios que precisam ser trabalhados por pais e educadores. É preciso refletir sobre a própria sexualidade. O adulto que não lida bem com a sua sexualidade, estaria em condições de ser um orientador sobre o assunto? Soaria falso!

Observa-se a tentativa de educadores e profissionais de saúde na realização de trabalhos multiprofissionais e interinstitucionais, visando a, educação sexual de adolescentes.

Pode-se citar o estudo de FERRIANI et al. (1994) realizado junto a grupos de adolescentes de escolas públicas de Ribeirão Preto utilizando a metodologia participativa. As autoras apontam na discussão dos resultados que os assuntos ligados a sexualidade, despertaram grande interesse desses adolescentes. No entanto, constataram também, que os pais não se interessavam pelo que a escola discutia sobre o assunto com os alunos, enquanto os professores abordavam pouco essa temática com os adolescentes em sala de aula.

Na modalidade de extensão universitária, um grupo de profissionais da saúde e da educação realizou um trabalho de caráter preventivo e assistencial junto aos adolescentes da 5ª série de uma escola pública de 1º e 2º graus da periferia de Juiz de Fora, MG, no período de 1990 a 1995.

Dentre as ações desenvolvidas no trabalho denominado Programa Saúde-Escola destacaram-se a avaliação das condições de saúde dos escolares e as oficinas de trabalho educativo em saúde realizadas, com a participação dos acadêmicos de enfermagem. Com o decorrer do tempo, tais oficinas foram consideradas pelos participantes e pela equipe como o ápice ao programa.

Durante todos os anos, a temática principal das oficinas realizadas, mensalmente, de fevereiro a dezembro, foi a sexualidade. Atendendo a solicitação prévia dos adolescentes trabalhou-se, em horário extra-turno, temas como: alterações hormonais, corporais e emocionais na adolescência; puberdade; gravidez; doenças sexualmente transmissíveis; métodos contraceptivos; namoro; homossexualidade; virgindade; masturbação; drogas e outros. Desse modo, objetivou-se com a realização das oficinas proporcionar aos adolescentes um espaço para reflexão sobre as questões que mais os afligiam acerca da sexualidade.

A avaliação feita no final do trabalho educativo realizado com os alunos que cursaram a 5ª série em 1995 mostrou que dos 107 adolescentes que responderam a ficha de avaliação final, a maioria, 84 (78,8%) disse que o Programa contribuiu para melhorar o convívio familiar. Os adolescentes emitiram opiniões tais como: “foi um estímulo para discutir mais o assunto em casa”; “sim, eu comecei a entender melhor meus pais a meu irmão; “Sim, passamos a ter mais diálogo”.

Dentre os 72 (67,6%) que consideram que o Programa facilitou a sua vida na escola, pode-se citar as seguintes falas, como exemplo: “serviu para que eu entendesse as aulas de ciências”; “quando cheguei na matéria de ciências ‘reprodução’ eu já sabia quase tudo”; “sim me ajudou muito na convivência com meus colegas”.

Considerando que as instituições diretamente envolvidas na educação sexual de adolescentes têm sido a família e a escola, pretende-se verificar o que os mesmos pensam sobre o ensino da sexualidade realizado por essas instituições.

OBJETIVOS

1- Verificar a opinião de escolares adolescentes sobre a educação sexual realizada na família e na escola.

2- Analisar se houve ou não, influência do Programa Saúde-Escola nas respostas dos adolescentes que participaram do Programa frente as questões de educação sexual.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de natureza exploratória realizado em uma escola pública da periferia do município de Juiz de Fora, MG, no período de fevereiro a março de 1996.

Participaram do estudo 178 alunos que atendiam aos seguintes, critérios: (a) serem matriculados na Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes; (b) estarem cursando a 6ª série do 1º grau; (c) serem egressos da 5ª série do ano de 1995, tendo participado ou não do Programa Saúde-Escola e (d) que concordassem em participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada em dias letivos, no horário das aulas de ciências biológicas, visando encontrar com toda a turma reunida em sala de aula.

O instrumento para coleta de dados constituiu-se de um questionário, em anexo, com 26 perguntas distribuídas em questões fechadas e abertas, possibilitando assim, a análise qualitativa dos dados. Os itens foram agrupados nas seguintes categorias: (a) Caracterização do adolescente: idade, sexo, religião da família, número de irmãos, posição entre os irmãos; (b) Experiências vividas: interesse pelo outro sexo, idade em que obteve as primeiras informações sobre sexo; (c) Nível de diálogo com os pais: pessoas com quem fala sobre sexo, reação dos pais frente as questões sexuais, conversas entre pais e filhos sobre sexualidade, o que os filhos gostariam de conversar com os pais sobre a sexualidade; (d) Participação da escola na educação sexual: discussão com professores sobre assuntos relacionados a sexualidade na sala de aula, participação no Programa Saúde-Escola, opiniões sobre a participação da escola na educação sexual e maneiras de participação da escola na educação sexual dos adolescentes.

O roteiro do questionário foi testado por meio de um estudo piloto com um grupo de adolescentes não participantes da pesquisa. No estudo piloto procurou-se detectar as respostas que tiveram maior índice de dúvidas e dificuldades, tendo sido reformuladas antes da realização do estudo. O questionário foi submetido à apreciação de especialistas na área de educação sexual para verificar se os itens estavam bem construídos quanto a forma e o conteúdo.

Os pesquisadores distribuíram os questionários e foram respondendo as dúvidas durante o preenchimento à medida que surgiam. Os questionários foram recolhidos imediatamente após o seu preenchimento. Os pesquisadores procuraram não induzir as respostas por parte dos adolescentes.

Os alunos foram esclarecidos previamente a respeito do objetivo do estudo e sobre o direito quanto ao anonimato, garantindo-lhes tranquilidade quanto a sua identificação, proporcionando-lhes, assim, segurança para emitir respostas sinceras.

Os dados foram apresentados, usando-se gráficos e tabelas estatísticas.

RESULTADOS E COMENTÁRIOS

Caracterização do Adolescente

O total de 178 adolescentes pesquisados engloba faixa etária entre 11 e 17 anos, matriculados na 6ª série do 1º grau, sendo que, a maioria 61 (34,5%) corresponde à idade de 12 anos, de acordo com o Gráfico 1.

GRÁFICO 1: Distribuição dos adolescentes segundo a idade.

Nota: 1 caso de não resposta.

Constatou-se que, em relação ao sexo, há uma predominância dos adolescentes do sexo feminino 105 (59,0%), como mostra o Gráfico 2.

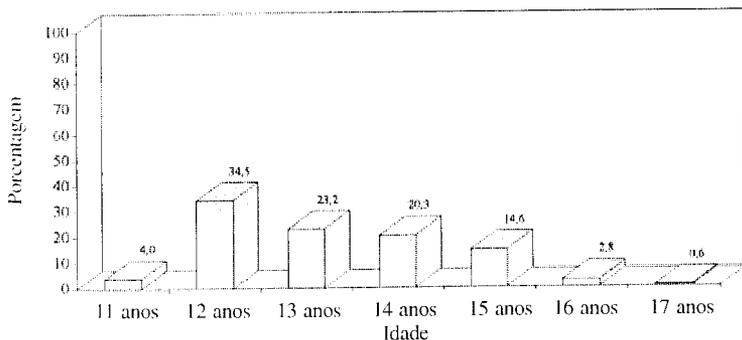
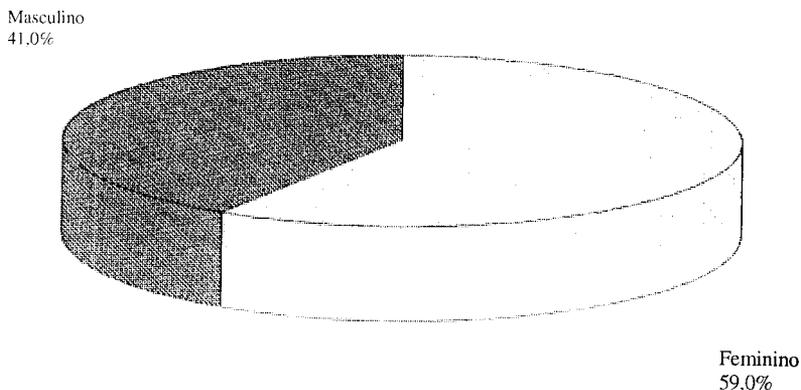


GRÁFICO 2: Distribuição dos adolescentes segundo o sexo.

A maioria dos respondentes, 162 (81,6%), é de religião católica. Entre as outras religiões citadas aparecem as Testemunhas de Jeová (10 casos), adeptos da Igreja Universal e similares (4 casos) e Espíritas (2 casos).

Quanto ao número de irmãos, apenas 10 (5,6%) dos adolescentes são filhos únicos. Os outros, se distribuem igualmente nas classes um, dois a três ou mais irmãos.

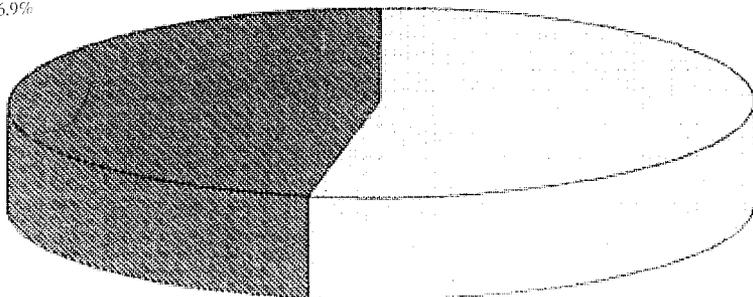
A maioria dos respondentes ocupam na família a posição de primogênitos, 80 (45%).

Quanto à participação ou não do Programa Saúde-Escola realizado com as turmas de 5ª série na Escola em estudo, no ano de 1995, observou-se no Gráfico 3 uma discreta predominância de participação.

GRÁFICO 3: Distribuição dos adolescentes segundo a participação no Programa Saúde-Escola.

Nota: 1 caso de não resposta.

Não participaram
46,9%



Participaram
53,1%

Aos que participaram do programa, foi perguntado o que acharam dos assuntos abordados. A maioria dos adolescentes manifestou-se favorável; emitindo opiniões, tais como: “achei bons, educativos”; “me ajudou muito” (Tabela 1).

TABELA 1
Distribuição dos adolescentes que participaram do Programa Saúde-Escola segundo a opinião sobre os assuntos abordados

Opinião	Frequência	Porcentagem
Ótimo/bom	31	34,1
Interessante	37	40,7
Educativo	18	19,8
Desinteressante	5	5,5
Total	91	100,0

Nota: 3 casos de não resposta.

Na pesquisa sobre opiniões dos escolares adolescentes, realizada Por FERRIANI et al. d994), a respeito dos grupos de discussões sobre questões de saúde, incluindo a sexualidade, constatou-se comentários Similares aos dos adolescentes do presente estudo, assim como: “Acho interessante, porque descobri muitas coisas da vida...” e, ainda, apontando a aquisição de conhecimento e troca de experiências como relevantes.

Experiências vividas

Cerca de 90% (160) dos respondentes, declararam que já se interessaram, sexualmente, por alguérn. Destes, o tipo de relacionamento mais freqüentemente mantido foi o “ficar”, 82 (57,3% dos casos), seguido do namoro 38 (26,6%). Somente 7 (5%) dos adolescentes admitiram já terem mantido relações sexuais com o(a) companheiro(a), não tendo sido mencionadas as relações homossexuais.

Pode-se ver no Gráfico 4 que entre os adolescentes pesquisados a maior parte 114 (64,3%) obteve as primeiras informações sobre sexo entre 7 e 10 anos de idade.

GRÁFICO 4: Distribuição dos adolescentes segundo a idade em que obtiveram as primeiras informações sobre sexo.

Nota: 10 casos de não resposta.

Segundo o levantamento realizado as primeiras informações sobre sexo recebidas pelos adolescentes foram principalmente com os amigos da mesma idade 60 (33,7%) seguido da mãe 57 (32,0%) e de professores 33 (18,5%). Tais dados podem ser visualizados na Tabela 2.

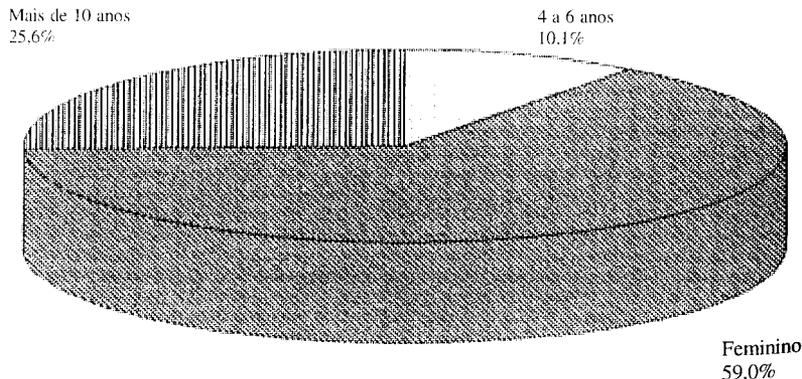


TABELA 2
Distribuição dos adolescentes segundo a figura ou veículo
que forneceu as primeiras informações sobre sexo

Figura/veículo	Frequência	Porcentagem
Pai	23	12,9
Mãe	57	32,0
Tias tíos outros	12	6,7
Professor	33	18,5
Pessoas mais velhas	5	2,8
Amigos da mesma idade	60	33,7
Livros	13	7,3
Revistas de mulheres nuas	19	10,7
Sozinho	24	13,5

Nota: Esta questão permite mais de uma resposta por pessoa.
 As porcentagens referem-se ao total de respondentes (178).

Nível de diálogo com os pais

A metade da população-alvo costuma discutir mais freqüentemente com os amigos assuntos relacionados ao sexo, 89 (50% dos casos), sendo que 39 (22%) não conversam com ninguém a respeito do assunto. Na Tabela 3 os adolescentes apontam as pessoas com as quais costumam conversar sobre sexualidade.

TABELA 3
Distribuição dos adolescentes segundo as figuras com as
quais costumam falar assuntos referentes ao sexo

Figura	Frequência	Porcentagem
Mãe	32	18,0
Pai	13	7,3
Irmã	7	3,9
Irmão	9	5,1
Ninguém	39	21,9
Amigo (a)	89	50,0
Namorado (a)	10	5,6
Outros	8	4,5

Nota: Esta questão permite mais de uma resposta por pessoa.
 As porcentagens referem-se ao total de respondentes (178).

A Tabela 4 mostra que entre os adolescentes que conversam sobre sexo com a mãe, a maioria, 23 (71,9%), participou do Programa Saúde-Escola. Observou-se que esta diferença é estatisticamente significativa ($p = 0,019$). Já entre os que não conversam com ninguém, 24 (61,5%) não participaram do programa ($p = 0,038$). Outra diferença foi observada em relação à classe “outros”, onde nenhum dos adolescentes participou do programa.

TABELA 4
Distribuição dos adolescentes segundo as figuras com
as quais costumam falar sobre assuntos sexuais e
a participação no Programa Saúde-Escola

Figura	Participação		Total	p
	Sim	Não		
Mãe	23 (71,9)	9 (28,1)	32	0,019
Pai	7 (53,9)	6 (46,1)	13	0,956
Irmã	3 (42,9)	4 (57,1)	7	0,707*
Irmão	4 (44,4)	5 (55,6)	9	0,736*
Ninguém	15 (38,5)	24 (61,5)	39	0,038
Amigo (a)	51 (58,0)	37 (42,0)	88	0,199
Namorado (a)	6 (60,0)	4 (40,0)	10	0,752*
Outros	0 (0,0)	7 (100,0)	7	0,004*

Nota: 1 caso de não resposta na classe “amigo”. porcentagens em relação ao total da linha. Os valores de preferem-se ao teste Qui-quadrado, exceto para (*) onde utilizou-se o teste Exato de Fisher.

Perguntados sobre a reação dos pais, quando percebem que estão prestando atenção a uma cena de sexo na televisão ou numa revista, os adolescentes declararam que, tanto para o pai quanto para a mãe, as reações mais frequentes são agir com naturalidade 89 (60,1%) no caso do pai e 74 (48,1%) da mãe. Fizeram as seguintes declarações “não percebo nenhuma reação desconfortadora”; “não fala e não faz nada”; “ela acha que não há importância”. Seguem-se as reações negativas, como proibir de continuar assistindo “me olha com cara feia”, “fica quase doido”; “manda eu dormir”; “troca o canal da televisão ou rasga a revista”, entre outros, cujas proporções foram 14,2% (21) para o pai e 22,7% (35) para a mãe. As demais reações aparecem com pequena representatividade, como mostram as Tabelas 5 e 6.

TABELA 5

Distribuição das opiniões dos adolescentes segundo as reações do pai quando percebe que estão prestando atenção em uma cena de sexo

Reação do pai	Frequência	Porcentagem
Age com naturalidade	89	60,1
Reação negativa	21	14,2
Não sabe a reação	11	7,4
Finge que não vê	6	4,1
Recomendações contra	6	4,1
Reage com constrangimento	7	4,7
Estimula o filho	4	2,7
Instrui sobre o assunto	2	1,4
O adolescente não vê tais cenas	2	1,4
Total	148	100,0

Nota: 30 casos de não resposta.

TABELA 6

Distribuição das opiniões dos adolescentes segundo as reações da mãe quando percebe que estão prestando atenção em uma cena de sexo

Reação do mãe	Frequência	Porcentagem
Age com naturalidade	74	48,1
Reação negativa	35	22,7
Reage com constrangimento	14	9,1
Finge que não vê	2	1,3
Recomendações contra	8	5,2
Não sabe a reação	7	4,5
Observa a reação do adolescente	5	3,2
Estimula o filho	3	1,9
Instrui sobre o assunto	3	1,9
O adolescente não vê tais cenas	3	1,9
Total	154	100,0

Nota: 24 casos de não resposta.

De acordo com o levantamento realizado, menos da metade dos adolescentes já presenciou uma intimidade amorosa entre os pais (como carícias, beijos na boca e outros). Para estes, questionou-se o que acharam a respeito e 39 (53,4%) acharam normal, emitindo respostas como: “achei bom porque um casamento mantém firme se os dois tiver amor um com o outro”; “uma prova de que eles se gostam”; “maneiro”. Acharam ótimo, 23 (31,5%). Dentre os que se posicionaram negativamente, 4 (5,5%), suas

reações foram: “uma nojeira”; “relação de velho não tem graça”; “chato, porque os pais não devem ter intimidade na frente dos filhos”. A distribuição está na Tabela 7.

TABELA 7
Distribuição das opiniões dos adolescentes que já presenciaram alguma intimidade amorosa entre seus pais

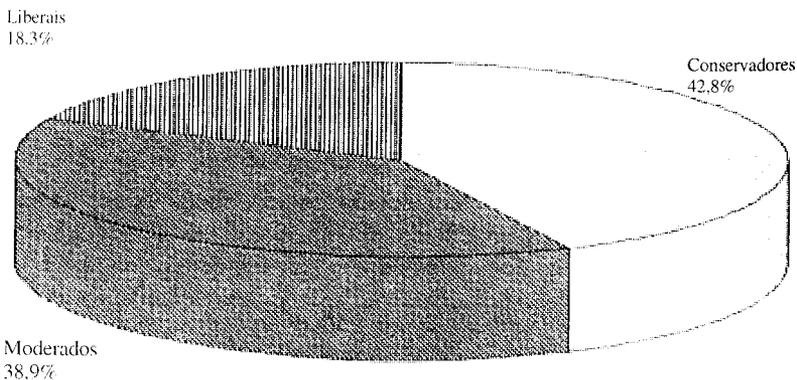
Opinião	Frequência	Porcentagem
Acha normal, natural	39	53,4
Acha ótimo, legal	23	31,5
Relaciona com amor, afeto	7	9,6
Se posiciona negativamente	4	5,5
Total	73	100,0

Nota: 9 casos de não resposta.

Segundo o Gráfico 5, cerca de 43% (75) dos adolescentes classificariam seus pais como conservadores em relação ao sexo, justificando-se da seguinte forma: “agem segundo o modo como foram criados”; “eles são muito durões”; “querem ser liberais, mas seus pais foram conservadores”. Outros 38,9% (68) considerariam seus pais moderados a 18,3% (32) classificariam como liberais.

GRÁFICO 5: Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre o posicionamento dos pais em relação ao sexo

Nota: 3 casos de não resposta.



Cerca de 50% (89) dos adolescentes acham que podem ser francos com seus pais a respeito de sexo. Eles justificam que há diálogo e instrução sobre o assunto com os pais, dizem que os pais são as pessoas certas para conversarem sobre o assunto e acham que os pais encaram com naturalidade as questões sobre sexo. Entendem que os pais esperam que os filhos sejam francos com eles. Já entre os que aereitam que não podem ser francos com os pais, alguns confessam seu próprio constrangimento e outros temem a reação dos pais. Uma pequena parte disse que o assunto não a discutido em casa.

A Tabela 8 permite verificar que as opiniões emitidas positivamente pelos adolescentes que participaram do Programa Saúde-Escola, são predominantes sobre aqueles que não participaram. Eles emitiram opiniões como: “minha mãe conversa muito comigo, mas ao mesmo tempo ela fala: deixa para o casamento”; “eles me entendem e esclarecem as minhas dúvidas”. Já nas opiniões expressas negativamente houve uma predominância não suficientemente significativa dos que não participaram do programa. Pode-se char como exemplos de suas respostas: “nessa idade os filhos precisam de uma orientação do pai”; “eles ninda estão dormindo e não percebem que eu cresci”. Avaliando-se pela participação no programa, há uma leve predominância dos que participaram entre os que acham que podem ser francos, se comparados aos que não podem, porém não é uma diferença suficientemente significativa.

TABELA 8
Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre serem francos com os pais em relação ao sexo e a participação no Programa Saúde Escola

Opinião	Participação		Total
	Sim	Não	
Podem ser francos	53 (59,6)	36 (40,4)	89
Não podem ser francos	40 (46,5)	46 (53,5)	86
Total	93	82	175

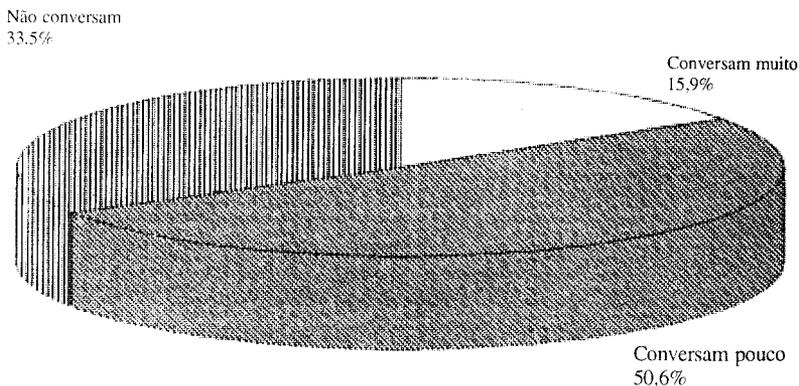
Nota: 3 casos de não resposta.
 $p = 0,084$, teste Qui-quadrado

Relacionando a opinião dos adolescentes com o Gráfico 6, quanto ao motivo que levam os pais a dialogar ou não com os filhos sobre assuntos referentes a sexualidade pode-se dizer que a metade dos pais dos

alunos estudados, 89 (50,6%), conversam pouco e 60 (33,5%) não conversam sobre o assunto. Os adolescentes atribuem a esse fato, primeiramente, o constrangimento dos pais conforme pode ser constatado em suas respostas: “acho que eles ficam sem jeito de dizer”; “ficam sem graça”; “eles devem ter receios”. Admitem que eles próprios ficam constrangidos diante do assunto: “eu fico sem graça”; “tenho vergonha e nunca procurei saber com eles”; “fujo do assunto”. A falta de diálogo é referida pela maioria deles: “quase não se fala a respeito de sexo em casa”; “não falam a respeito”.

GRÁFICO 6: Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre o quanto os pais conversam sobre sexo com eles.

Nota: 2 casos de não resposta.



Também BRUNO e BRUNO (1994, p. 59) constataram em suas pesquisas que o constrangimento em relação a sexualidade existe tanto nos pais quanto nos filhos, sendo este, um dos fatores que dificulta o relacionamento entre pais e filhos.

Os autores sugerem que a conversa de pais e filhos sobre sexualidade “deveria acontecer de uma forma coerente e honesta, de maneira informal, gradativa e em conjunto com a escola através de leituras, filmes e palestras”.

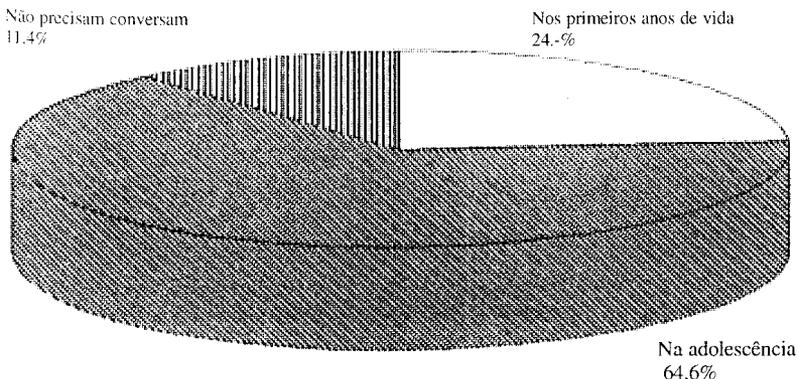
O Gráfico 7 aponta para a maioria dos adolescentes estudados favorável aos pais que conversam abertamente sobre a sexualidade dos filhos desde a adolescência, 113 (64,6%). Entre suas falas pode-se citar: “são os adolescentes que pensam mais nisso, estão começando a despertar o prazer”; “na adolescência é muito maior o desejo de conhecer o seu corpo a da pessoa oposta”. Os que consideraram que os pais não devem conversar sobre o sexo justificaram-se pela existência de outras fontes de informação ou pela falta de intimidade entre pais e filhos,

É importante ressaltar que mesmo havendo proximidade, coabitação ou mesmo copulação pode não haver a intimidade entre os casais ou entre as pessoas que vivem na mesma casa. Para GOLDENSON e ANDERSON (p. 151, 1989) tem-se na intimidade um “relacionamento próximo e de confiança pessoal entre duas pessoas que estão completamente à vontade uma com a outra, a se sentem livres para expressar seus sentimentos mais íntimos”.

CANO et al. (1995) em seu estudo, constataram que os pais têm dificuldades em falar sobre sexo com os filhos, por isso, ressaltaram que não só os filhos devem ser levados a refletir sobre a sexualidade e as questões da adolescência mas também os pais, cuja responsabilidade é preparar os jovens para a vida adulta transmitindo-lhes o seu padrão cultural.

GRÁFICO 7: Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre o momento adequado para conversas entre pais e filhos sobre sexualidade.

Nota: 3 casos de não resposta.

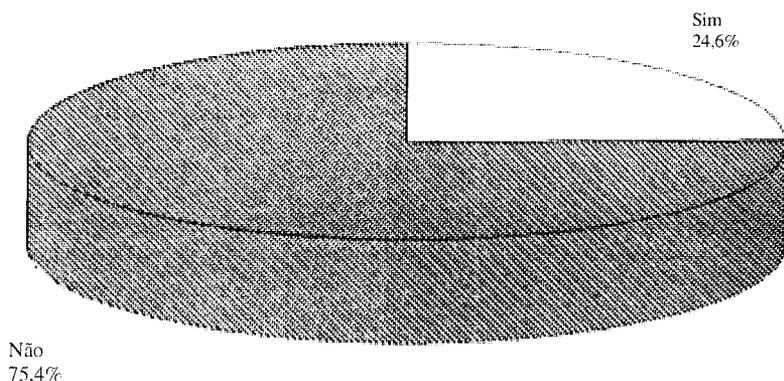


Dos adolescentes pesquisados, 75,4% (132), nunca tentaram falar abertamente sobre sexo com seus pais, apenas 43 (24,6%) responderam afirmativamente (Gráfico 8).

Solicitou-se aos que já tentaram conversar com os pais sobre o assunto, que descrevessem a reação dos pais, verificando-se que mais da metade, 22 (52,4%) reagiram com naturalidade, 19% com constrangimento a 16,7% ficaram surpresos, segundo responderam os adolescentes.

GRÁFICO 8: Distribuição dos adolescentes segundo a tentativa de conversar sobre sexo com os pais.

Nota: 3 casos de não resposta.



As reações dos pais frente a tentativa dos filhos em conversar sobre assuntos ligados a sexualidade podem ser vistas na Tabela 9.

Os adolescentes assim registraram: “natural; antes de eu falar eles já se sentem incumbidos a me falar”; “minha mãe reagiu normalmente”. Dentre os pais que reagiram com surpresa os adolescentes descreveram do seguinte modo: “não falaram nada, ficam apenas assustados”; “minha mãe ficou assustada e nem me respondeu”. Outros pais reagiram com constrangimento e fugiram do assunto: “ficaram engasgados mas responderam”; “quando vou falar sobre o assunto eles dizem que ainda não está na hora de pensar nisso”.

TABELA 9
Distribuição dos adolescentes que já tentaram conversar com os pais sobre sexo segundo a reação dos mesmos

Reação dos pais	Frequência	Porcentagem
Naturalidade	22	52,4
Surpresa	7	16,7
Preocupação	1	2,4
Constrangimento	8	19,0
Desvio do assunto	4	9,5
Total	42	100,0

Nota: 1 caso de não resposta.

Quando perguntados sobre o que gostariam de conversar com seus pais em relação ao tema sexo, 96 (63,2%) dos adolescentes declararam que não tem nada a conversar, seja porque já sabem ou porque não querem conversar como foi demonstrado em suas citações: “não quero conversar mais nada”; “já conversei sobre tudo”; “não tenho curiosidade”; “já sei o bastante”. Alguns disseram que gostariam de receber informações gerais sobre sexualidade e uma pequena parte relatou o desejo de saber sobre o ato sexual (Tabela 10).

TABELA 10
Distribuição dos adolescentes segundo os assuntos que gostariam de conversar com os pais sobre sexo

Assuntos	Frequência	Porcentagem
Nenhum/já sabem tudo/não querem conversar	96	63,2
Em relação às DST	31	20,4
Em relação ao ato sexual	14	9,2
	4	2,6
Informações gerais		
Gravidez/métodos contraceptivos	3	2,0
DST/Gravidez/mét. contraceptivos	4	2,6
Total	152	100,0

Nota: 26 casos de não resposta.

Ao serem questionados em relação a terem passado por alguma experiência onde seus pais tentaram orientá-los sobre a sexualidade, verificou-se que somente 35 (26,1%) responderam afirmativamente. Entre eles, 15 (42,9%), consideraram como mais importante a que tratou da prevenção de DST e gravidez, expressando-se do seguinte modo: “me orientaram para não praticar sexo”; “não *ir* para longe com estranhos, é perigoso”; “orientaram para tomar remédio e usar camisinha”(Tabela 11).

TABELA 11
Distribuição dos adolescentes que viveram experiências de orientação dos pais sobre sexo segundo as orientações mais importantes

Orientações mais importantes	Frequência	Porcentagem
Todas, em todos os momentos	9	25,7
Na iniciação sexual	11	31,4
Na prevenção de DST e gravidez	15	42,9
Total	35	100,0

Nota: 11 casos de não resposta.

De acordo com o estudo, cerca de 40% (67) dos adolescentes não contam nada aos pais a respeito de sua sexualidade. Outros 30% (50) só falam de sexo de um modo geral, não especificamente a seu respeito, 19% (32) só falam o que eles aprovariam e o restante conta quase tudo.

Esta distribuição pode ser constatada na Tabela 12.

TABELA 12
Distribuição dos adolescentes segundo o que contam aos seus pais sobre sua sexualidade

Contam aos pais	Frequência	Porcentagem
Nada sobre a sexualidade	67	39,6
Nada a meu respeito, só de forma geral	50	29,6
Só o que eles aprovariam	32	18,9
Quase tudo	20	11,8
Total	169	100,0

Nota: 9 casos de não resposta.

A participação no Programa Saúde-Escola também não mostrou diferença significativa em relação ao que os adolescentes contam aos pais sobre sua sexualidade ($p = 0,552$), apesar que entre os que contam quase tudo, 13 (65%), participaram do programa (Tabela 13).

TABELA 13
Distribuição dos adolescentes segundo o que contam aos seus pais sobre sua sexualidade e a participação no Programa Saúde-Escola

Contam aos pais	Participação		Total
	Sim	Não	
Só o que eles aprovariam	14 (45,2)	17 (54,8)	31
Quase tudo	13 (65,0)	7 (35,0)	20
Nada sobre a sexualidade	35 (52,2)	32 (47,8)	67
Nada a meu respeito, só de forma geral	28 (56,0)	22 (44,0)	50
Total	90	78	168

Nota: 10 casos de não resposta.

$p = 0.552$. teste Qui-quadrado.

Questionados sobre como imaginam que deva ser a educação sexual realizada pelos pais, 74 (51,4%) acham que deve ser de forma abrangente, global: “queria que falassem abertamente”, “de forma aberta, sem esconder nada...”. Seguiram-se as opiniões que concordam com a forma como os pais têm feito: “a orientação dos pais deve ser respeitada porque eles são de maior e sabem”. Outros acham que os pais devem somente responder às dúvidas quando questionados. A categorização das respostas pode ser vista na Tabela 14.

TABELA 14
Distribuição dos adolescentes segundo como imaginam que deva ser a educação sexual realizada pelos pais

Como deve ser	Frequência	Porcentagem
Abrangente, global	74	51,4
Da mesma forma que tem sido	19	13,2
Somente respondendo às dúvidas	15	10,4
Apenas um dos pais deve orientar	8	5,6
Os pais não devem orientar	7	4,9
Orientação quanto à prevenção, com mais liberdade sexual	6	4,2
Educação rigorosa	3	2,1
Orientação sobre relação sexual	2	1,4
Abrangente e cedo	2	1,4
Não sabe	8	5,6
Total	144	100,0

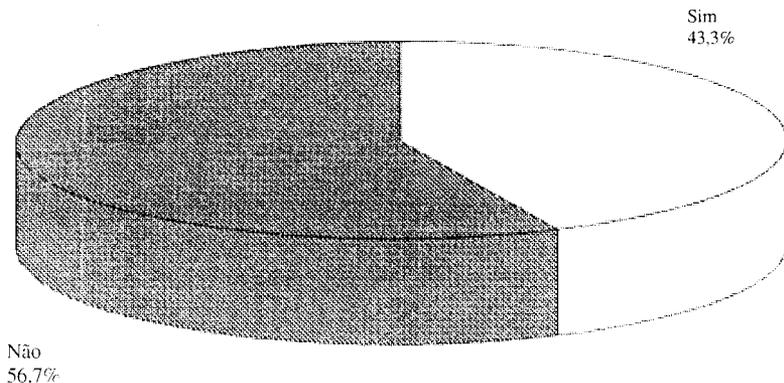
Nota: 34 casos de não resposta.

Participação da escola na educação sexual

Verificou-se no estudo que cerca de 57% (100) dos adolescentes nunca discutiram assuntos relacionados ao sexo com seus professores em sala de aula (Gráfico 9). Entre os que já discutiram, 77 (43,3%), perguntou-se como foi e o que acharam. As respostas mostraram que 70 (91,4%) fizeram uma avaliação da aula, sendo que as opiniões foram em geral positivas principalmente em relação aos esclarecimentos fornecidos: “foi muito interessante e achei muito importante para mim”; “deveria ser mais prolongado,mas foi bom”. Alguns não acharam válido, dizendo que foi uma abordagem muito superficial: “eles não falaram quase nada”.

GRÁFICO 9: Distribuição dos adolescentes segundo a discussão sobre sexo, em sala de aula.

Nota: 1 caso de não resposta



FERRIANI et al. (1994, p.201) constataram em sua pesquisa que os professores abordavam pouco a temática sexualidade em sala de aula e salientam que é necessário haver um preparo não só do professor como também dos profissionais de saúde para que possam trabalhar bem com essa questão junto aos adolescentes e jovens.

Aos adolescentes que disseram terem discutido assuntos relativos ao sexo em sala de aula, solicitou-se que listassem os assuntos abordados. Foram basicamente: gravidez, DST, alterações hormonais e corporais na adolescência, órgãos sexuais, puberdade, métodos contraceptivos, filhos, homossexualidade, namoro, virgindade, masturbação, ato sexual e drogas.

O estudo mostrou que a maioria dos adolescentes, 132 (74,1 %) acha que a educação sexual deveria ser realizada pela escola. As principais justificativas foram que a escola fornece um complemento para a educação dos pais, 38 (38,4% das opiniões) e que a escola é um lugar apropriado para o aprendizado, 33 (33,3%): “a educação sexual tem que ser falada tanto na escola como em casa”; “o trabalho é dos pais, mas as escolas poderiam falar sobre este assunto”. Outra justificativa foi que seria melhor pela dificuldade de diálogo com os pais, 19 (19,2%).

Já entre os que não consideram que a educação sexual deve ser dada na escola, a principal justificativa é de que este assunto é uma obrigação dos pais, 15 (65,2% das opiniões): “a escola é para estudar outro tipo de matéria”; “são os pais que tem que ensinar e não os professores”. Outros, 17,4% (4), acham que não deve haver, pois causa constrangimento entre os colegas e uma mesma proporção é da opinião de que não deve haver educação sexual em casa nem na escola. Estas informações estão na Tabela 15.

TABELA 15
Distribuição dos adolescentes segundo as justificativas para a opinião sobre a escola como local de educação sexual

Justificativa	Frequência	Porcentagem
A educação sexual deve ser ensinada na escola		
É um complemento para a educação dos pais	38	38,4
A escola é um local próprio para o aprendizado	33	33,3
Pela dificuldade de diálogo com os pais	19	19,2
Pela importância do temas	9	9,1
A educação sexual não deve ser ensinada na escola		
É uma obrigação dos pais	15	65,2
Pelo constrangimento entre os colegas	4	17,4
Não deve haver ed. sexual em casa nem na escola	4	17,4

Nota: As porcentagens referem-se ao total de respondentes em cada situação:

– deve ser ensinada na escola: 99; 30 casos de não resposta.

– não deve ser ensinada na escola: 23; 22 casos de não resposta.

Observou-se que muitos adolescentes gostariam que a educação sexual fosse dada pelos pais. Esse resultado é corroborado por CAVALCANTI (1993, p. 169) que cita em seu estudo, uma enquete realizada em 1989 com 4000 estudantes brasileiros onde constatou que a maioria, 95% deles, “preferiam que a educação sexual fosse dada pelos pais”. No entanto, considerando as dificuldades enfrentadas pelos pais que segundo ele, estão ligadas a fenômenos culturais, sugere que os pais, sem abandonar o papel de educadores, devem valer-se do ensino formal para realizar a educação sexual de seus filhos.

Perguntou-se aos adolescentes qual seria a melhor forma da escola participar da educação sexual dos alunos, obtendo-se a aceitação de todas. A Tabela 16 mostra estas respostas, com proporções de aceitação superior entre 65% e 70%.

Considerando-se a participação no programa Saúde-Escola, observou-se diferença significativa para a participação por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, grupos de estudo, dramatizações, no horário escolar, onde os que participaram do programa estão proporcionalmente mais favoráveis a esta forma do que os que não participaram. Estas informações estão na Tabela 17.

De acordo com BRUNO e BRUNO (1994, p. 59) o trabalho de educação sexual abre um espaço para “informar, prevenir e integrar e não tratar”. Para eles a educação sexual é uma trabalho profilático que poderá ajudar o adolescente a estruturar a forma de entender e agir em relação a sua sexualidade.

TABELA 16
Distribuição dos adolescentes segundo a opinião sobre como a escola deveria participar da educação sexual dos alunos

Forma de participação da escola	Frequência	Porcentagem
Pelo próprio professor durante as aulas de ciências	119	66,9
Por todos os professores, sempre que houvesse oportunidade	18	66,3
Por meio de palestras com especialistas em sexualidade	126	70,8
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações, em horário extra-turno	118	66,3
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações no horário escolar	115	64,6

Nota: Esta questão permite mais de uma resposta por pessoa. As porcentagens referem-se ao total de respondentes (178).

TABELA 17
Distribuição dos adolescentes segundo as opiniões sobre a forma de participação da escola na orientação sexual e a participação no Programa Saúde-Escola

Forma de participação da escola	Participação		Total	p
	Sim	Não		
Pelo próprio professor durante as aulas de ciências	62 (52,1)	57 (47,9)	119	0,701
Por todos os professores, sempre que houvesse oportunidade	67 (57,3)	50 (42,7)	117	0,122
Por meio de palestras com especialistas em sexualidade	71 (56,4)	55 (43,6)	126	0,174
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações, em horário extra-turno	68 (57,6)	50 (42,4)	118	0,088
Por meio de filmes e slides, dinâmica de grupo, dramatizações no horário escolar	68 (59,1)	47 (40,9)	177	0,029

Nota: 1 caso de não resposta.

Os valores entre parênteses são porcentagens em relação ao total da linha.

Os valores de *p* referem-se ao teste Qui-quadrado, em negrito indicam diferença significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos resultados, pode-se dizer que escolares adolescentes, cuja maioria encontra-se na faixa etária de 12 a 14 anos já se interessaram sexualmente pelo outro. O tipo de relacionamento predominante e o “ficar”, considerado por eles como um namoro ainda sem maiores compromissos e mesmo, sem envolvimento emocional.

Constatou-se na pesquisa que a maioria dos adolescentes disse ter recebido as primeiras informações sobre sexo com amigos de mesma idade, sendo os próprios amigos as pessoas com quem a maioria, costuma falar assuntos referentes ao sexo. O nível de diálogo com os pais e professores é pequeno e segundo alguns deles é inexistente. Tal constatação é preocupante considerando que apesar dos constrangimentos, inibições e preconceitos que cercam as questões sexuais, especialistas no assunto concordam que a família é a melhor instituição destinada a educar seus novos membros para uma sexualidade sadia.

A reação dos pais em relação às cenas de sexo na televisão e em revistas, em sua maioria, segundo os adolescentes, foi de naturalidade. O apelo exagerado ao sexo que a mídia vem realizando nos últimos anos pode estar deixando os pais indiferentes ou mesmo, reagindo com naturalidade diante de tais imagens. Questiona-se o fato de que esses pais ao reagirem assim, podem estar defendendo-se da ansiedade que a discussão desse tema lhes causariam. Desse modo passam a delegar a responsabilidade da educação sexual de seu filho para a mídia ou para a escola.

PINTO (1995, p. 249) diz em seu artigo sobre “*a televisão e a educação sexual*” que não só no Brasil como nos Estados Unidos “a televisão e outros meios de comunicação de massa podem ser considerados fontes alternativas de (des)educação sexual”, embora pudesse ser utilizada para oferecer e promover a oportunidade para educar os adolescentes no controle da natalidade e na prevenção de doenças transmissíveis.

Apesar dos adolescentes considerarem que os pais reagem com naturalidade às apelações da mídia em relação a sexualidade, atribuem ao constrangimento dos mesmos e ao próprio constrangimento o baixo nível de diálogo verificado. Em suas falas deixam claro o desejo de que os pais conversem abertamente com eles sobre a sexualidade.

Quanto à participação da escola na educação sexual constatou-se na pesquisa que embora a discussão do assunto em sala de aula seja pequena, os adolescentes consideraram a escola o lugar apropriado para falar sobre sexo, a despeito do constrangimento entre os colegas. Apontaram como válidos todos os métodos, relacionados no questionário, que poderiam ser usados pela escola para discutir o assunto com os adolescentes.

Embora a maioria dos adolescentes pesquisados (53,1%) tenha participado do Programa Saúde-Escola, no ano de 1995 nas turmas de 5ª série, não foram verificadas diferenças importantes nas respostas, nem estatisticamente significativas, em relação aos adolescentes que não participaram.

Esse fato vem comprovar que a educação sexual é muito mais que informações a respeito de sexo. É um processo educativo contínuo que se inicia com o nascimento, no meio familiar onde as pessoas estão diretamente ligadas ao novo membro, que ainda está em fase de desenvolvimento, de modo afetivo e significativo para ele. Daí constatar-se que deva ser tarefa primeira da família e sobretudo dos pais, a realização da educação sexual desde a concepção, prolongando-se durante toda a vida do ser humano.

À Escola cabe, portanto, auxiliar a família nessa tarefa de educar para a sexualidade e não substituí-la.

Concorda-se com BARBOSA (1994, p. 48) quando diz que por meio da educação sexual deverão ser transmitidos “conhecimentos ne-

cessários para que a pessoa possa adquirir atitudes, formar valores que o permitam aceitar e vivenciar a sua própria sexualidade a dos outros, num contexto livre e responsável”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBOSA, M. P. M. O Trabalho do Orientador Educacional na Educação Sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 1, 1994, pp. 44-55.
2. BRUNO, Z. V.; BRUNO, Z. V. Por que é tão difícil implantar Educação Sexual nas Escolas? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 1, 1994, pp. 56-59.
3. CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. das G. C.; MUNARI, D. B. O trabalho de enfermeiras junto à pais de adolescentes através da atividade grupal. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 6, n. I, 1995. pp. 36-44.
4. CARIDADE, A. Sexualidade feminina - A linguagem do corpo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 2, 1994. pp. 142-146.
5. CAVALCANTI, R. da C. Educação sexual no Brasil e na América Latina. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 4, n. 2, 1993. pp. 164-173.
6. FERRIANI, M. das G. C.; CANO, M. A. T.; SILVA, M. A. I.; UBEDA, E. M. L. Opinião de escolares adolescentes sobre a realização de grupos de discussão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 5, n. 2, 1994, pp. 193-205.
7. GOLDENSON, R. N.; ANDERSON, K. N. *Dicionário de Sexo*. Adaptação de Lídia R. Aratangy. São Paulo, Ática, 1989. 282 p.
8. MAAKAROUN, M. de F. Considerações Gerais sobre adolescência. In: *Tratado de Adolescência - Um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1991, pp. 3-8.
9. PINTO, L. F. M. Televisão e educação sexual. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, 1995. 71(5). pp. 248-254.
10. RIBEIRO, M. O. Ideologia reproduzida na abordagem da sexualidade humana. Análise do discurso de estudantes de enfermagem. (Dissertação de Mestrado) Escola de Enfermagem da USP, 1990, p. 104.
11. VITIELLO, N. A educação sexual necessária. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 6, n. 1, 1995. pp. 15-28.

ANEXO

Questionário

Agradecemos sua valiosa contribuição no preenchimento deste questionário. Não precisa assiná-lo. Qualquer dúvida dirija-se ao aplicador.

Data: //96 Série:

01 – Qual é a sua idade completa?

10 anos () 13 anos ()

11 anos () 14 anos ()

12 anos () 15 anos () Outros:

02 – Qual é o seu sexo?

Feminino () Masculino ()

03 – Qual a religião da sua família? Católica ()

Protestante ()

Outras: Qual?

04 – Quantos irmãos você tem?

Nenhum ()

Um ()

Dois ()

Três ou mais ()

05 – Você é o: 1° filho () 4° filho ()

2° filho () Outros ()

3° filho () Indicar

06 – Você já interessou-se por algum(a) garoto(a)?

sim () não ()

07 – Que tipo de relacionamento você manteve com ele(a)?

“ficar” ()

namorar ()

relações sexuais ()

outros:

08 – Com que idade você obteve as primeiras informações sobre sexo?

- 09 – Com quem obteve as primeiras informações sobre sexo?
 Com meu pai () Com minha mãe ()
 Com tias tios ou parentes mais velhos () Com outras pessoas
 mais velhas ()
 Com um(a) professor(a) () Com amigos da mesma
 idade ()
 Em livros () Em revistas de
 mulheres nuas ()
 Aprendi sozinho ()
- 10 – Com quem você costuma falar coisas sexuais que lhe dizem
 respeito:
 minha mãe () meu pai () um(a) namorado(a) ()
 minha irmã () meu irmão () um(a) amigo(a) ()
 ninguém () outros:
- 11 – Como reagem seus pais, quando percebem que você está
 prestando atenção à uma cena de sexo na tevê ou numa revista?
 Pai:
 Mãe:
- 12 – Você já presenciou alguma intimidade amorosa entre seus pais?
 sim () não ()
 O que você achou?
- 13 – Como você classificaria seus pais quanto à atitude em relação ao
 sexo?
 conservadores () moderados () liberais ()
 Explique por que você acha que eles são assim.
- 14 – Você acha que pode ser franco(a) com seus pais à respeito de
 sexo?
 sim () não ()
 Explique por que me respondeu assim:
- 15 – Na sua opinião, seus pais: conversam muito a respeito de sexo ()
 conversam pouco sobre sexo ()
 Não conversam sobre sexo ()
 Porque:

- 16 – Você acha que os pais deveriam:
Conversar, abertamente, sobre a sexualidade dos filhos desde seus primeiros anos de vida ()
Conversar, abertamente, sobre a sexualidade dos filhos a partir da adolescência ()
Os pais não precisam conversar sobre sexo com seus filhos já que eles aprendem na escola e com os amigos ()
Explique por que respondeu assim:
- 17 – Você já tentou falar, abertamente, com seu pai ou sua mãe a respeito de sexo?
sim () não ()
Em caso de afirmativo, escreva qual foi a reação deles:
- 18 – O que você gostaria de conversar a respeito de sexo com seus pais?
- 19 – Você já passou por alguma experiência onde seu pai ou sua mãe tentou fazer orientação sexual para você?
sim () não ()
Se teve experiência, escreva a que foi mais importante para você?
- 20 – Que tipo de coisas você conta aos seus pais a respeito de sua sexualidade?
Só o que eles aprovariam ()
Quase tudo ()
Não conto nada a eles a respeito de minha sexualidade ()
Só falo de sexo com eles de modo geral, não especificamente a meu respeito ()
- 21 – Como você imagina que deva ser a educação sexual realizada pelos pais?
- 22 – Você já discutiu com seus professores, na sala de aula, assuntos relacionados ao sexo?
sim () não ()
Em caso de afirmativo, escreva como foi o que você achou?

23 – Listar os assuntos referentes a sexualidade que foram abordados, pelos professores, na escola:

24 – Você participou do Programa Saúde-Escola realizado com as turmas de 5ª série?

sim () não ()

Escreva o que você achou das palestras e discussões sobre assuntos ligados ao sexo?

25 – Você acha que a educação sexual deveria ser realizada pela escola?

sim () não ()

Explique por que respondeu assim:

26 – De acordo com sua opinião, quando a escola participa da educação sexual dos alunos, de que maneira deveria ser?

Numerar por ordem de prioridade:

pelo próprio professor durante as aulas de ciências ()

por todos os professores, durante as aulas, sempre que houvesse oportunidade ()

por meio de palestras com especialistas em sexualidade ()

por meio de filmes e slides, dinâmicas de grupo, grupos de estudo, dramatizações, eventualmente, em horário extra-turno ()

por meio de filmes e slides, dinâmicas de grupo, grupos de estudo, dramatizações, rotineiramente, no horário escolar ()